



Encontro Inter-regiões - Sudeste

Região Sudeste - Evento Virtual
De 1 a 31 de outubro de 2020



EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

| | |
|--|---|
| INSCRIÇÃO | 00558 |
| INSTITUIÇÃO | Universidade Presbiteriana Mackenzie |
| CAMPUS | São Paulo |
| CIDADE | São Paulo |
| UF | SP |
| CATEGORIA | JO |
| MODALIDADE | JO08 |
| TÍTULO | Berlim, uma resistência |
| ESTUDANTE-LÍDER | Emily Aguiar Nery |
| CURSO ESTUDANTE-LÍDER | Jornalismo |
| COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS: | Denise Cristine Paiero (Universidade Presbiteriana Mackenzie) |

DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

A intenção deste trabalho foi elaborar uma grande reportagem para a revista impressa *Época* sobre os 30 anos da queda do Muro de Berlim. Pretendi construir um retrato escrito sobre como a cidade, marco simbólico da Guerra Fria, transformou-se em três décadas: desde a queda do Muro até os dias atuais. O assunto da minha reportagem inicia-se no dia 9 de novembro de 1989: a queda do Muro de Berlim e a esperança renascente da união das duas Alemanhas, a República Federal da Alemanha e a República Democrática Alemã, um Estado-Satélite da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. O país e sua capital, destruídos após a 2ª Guerra Mundial, foram divididos em 4 zonas de influência: francesa, estadunidense, britânica e soviética, cada uma pertencendo a um vencedor do conflito. Na conferência de Potsdam, em 1949, os países capitalistas ficaram com a porção oeste da Alemanha, chamada de República Federal da Alemanha (RFA). O leste do país, entretanto, ficou em posse da União Soviética: nascia então a República Democrática Alemã (RDA). Berlim também foi dividido em 2 partes: o lado capitalista, pertencente à RFA, e o lado comunista, que fazia parte da RDA. Ou seja, a porção capitalista da cidade era um enclave dentro do bloco soviético. Segundo dados oficiais do governo alemão, estima-se que de 1949 até a construção do Muro, em 1961, 2,7 milhões de pessoas fugiram de Berlim Oriental e da RDA. Devido a fuga em massa, da noite para o dia de 13 de agosto de 1961, construíram a muralha que cortava a cidade de Berlim. Esta divisão explícita permaneceu por 28 anos. Eis que na tarde de 9 de novembro de 1989, o porta voz do Partido Comunista, Günter Schabowski, anunciou, de maneira imprevista, abertura das fronteiras que dividiam a cidade de Berlim. Tal aviso foi responsável pela mobilização da mídia e de milhares de alemães orientais, aos montes nos postos das fronteiras esperando a liberação. Por conta da pressão popular e à desinformação dos guardas, a primeira fronteira se abriu. O que culminou para a abertura das demais passagens circundantes para Berlim ocidental. Começava o processo de reunificação alemã, que só iria ser oficializado em 3 de outubro de 1990. Diante dessa questão e da relevância jornalística e histórica, a situação problema para o trabalho foi: como uma grande reportagem impressa pode fazer um retrato de Berlim após 30 anos da queda do muro? Tive como objetivos principais analisar como Berlim mudou e abarcou duas cidades em uma só, mesclando o clássico com o contemporâneo e a história com a arte. E avaliei a relevância que o povo berlinense dá para a história de sua cidade, assim como investiguei os resquícios de 30 anos atrás que ainda persistem na população que vivenciou tamanha mudança em suas vidas. Os objetivos secundários foram as entrevistas com personagens que viveram dos dois lados e puderam me explicar o que foi a grande mudança, personagens jovens que me contaram como a nova geração enxerga tal momento histórico. Também procurei identificar lugares em Berlim que foram elementos históricos para retratar estes 30 anos da queda, como museus, praças e ruas que foram separadas pelo muro. O intuito também foi detectar se ainda restavam diferenças socioeconômicas entre a antiga população da antiga República Democrática Alemã (RDA) e os que habitavam a República Federal da Alemanha (RFA), e o que o governo fez para reinserir essa parte do povo. O tema sempre me trouxe curiosidade. Me intriga o fato de que há apenas 50 anos atrás, um muro, físico, era capaz de separar uma cidade e um país de uma forma tão brutal durante quase 30 anos. Ao perceber que o ano de apresentação do meu Trabalho de Conclusão de Curso seria no mesmo ano da efeméride, em que se comemora 30 anos da queda do Muro, resolvi que esse seria meu tema. A reportagem trata de 3 aspectos que estão ameaçados ou esquecidos nos dias de hoje, mas carregam uma enorme importância: jornalismo, história e cultura.

DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

A fim de me apropriar do conteúdo do tema, resolvi fazer uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto e também sobre o modo de escrita em que iria fazer meu trabalho. Para me embasar na parte cultural e histórica, encontrei diversas matérias no site de notícias Deutsche Welle também em um site especializado do governo alemão que trata sobre o Muro de Berlim. Li alguns artigos e livros que tratavam sobre o colapso da República Democrática Alemã, como o livro A era dos Extremos, de Eric Hobsbaw; Política Mundial: a partir de 1945, de Peter Calvoressi, bem como artigos do historiador alemão especializado no tema, Hans Hermann-Hertle. Para definir o tipo de escrita de minha reportagem, pesquisei o que alguns teóricos escreveram sobre jornalismo literário e entrevista, como Cremilda Medina, Monica Martinez e José Augusto Mendes Lobato. Com isso, defini também o veículo que minha reportagem mais se encaixava. A Revista Época passou por uma reforma editorial e gráfica em 2018 dando mais ênfase à matérias de cunho literário e em grandes reportagens. A revista também privilegiava imagens fotográficas, algo que também adotei em minha produção. Para buscar pessoas que pudessem compor minha narrativa, busquei por personagens que pudessem me dar visões diferentes e que juntos me entregassem uma visão multifacetada do paralelo de 1989 e 2019. Antes da viagem feita para Berlim, em fevereiro de 2019, já tinha contato com quase todos os entrevistados. Chegando na cidade, optei por visitar alguns dos pontos turísticos que se relacionam com o Muro de Berlim e percebi que em muitos locais da cidade, o muro ainda estava lá: erguido ou somente com sua marca no chão - Berliner Mauer 1961-1989. A lembrança e a memória eram pontos fortes da capital alemã. Por isso, decidi retratá-la também como se fosse um personagem. Para retratar o "antes e depois" optei por colocar algumas fotos da época em que Berlim estava dividida e também quando o Muro caiu. Fiz uma pesquisa por imagens no Arquivo Nacional Alemão (Bundesarchiv) Outro ponto importante que, apesar de não se relacionar diretamente com o evento da queda do Muro, se relaciona com a Reunificação Alemã e suas consequências, é sobre o crescimento da extrema direita na Alemanha. Fiz uma pergunta aos entrevistados sobre sua posição em relação ao partido AfD (Alternative für Deutschland) e procurei explicar o que é e como este movimento. Primeiramente, utilizei dados quantitativos do Governo Alemão para explicar as diferenças socioeconômicas entre estados que compunham a RDA e os que representavam a RFA. Junto a isso, pesquisei em sites do governo alemão sobre o que foi feito no viés econômico e social para a reinserção dos estados do leste à Alemanha capitalista. Procurei, então, entender a relação do crescimento do partido em questão, com a parcela da população (majoritariamente do leste alemão) que se sente abandonada pelo governo vigente.

DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:

Como minha reportagem tratava da comemoração de um acontecimento histórico ocorrido fora do Brasil, decidi empregar uma escrita que utilizasse o recurso da identificação: uma brasileira que mostra suas impressões por Berlim e por seus pontos turísticos. Algo que me chamou atenção no percurso, foi a grandiosidade da malha de transporte público da cidade. Ou seja, locais corriqueiros que foram palcos de grandes acontecimentos históricos e são lembrados por isso Resolvi, então, narrar como se o paralelo destes 30 anos fosse mostrado como um passeio, em cada estação que mencionei, minhas impressões perante os lugares icônicos, a importância histórica e a relação do entrevistado com a cidade. Soma-se a isso, a forma com que o percurso pelas linhas de trem poderia se relacionar com o texto: trazendo fluidez e vivacidade. Para não deixar a leitura cansativa, optei por entrelaçar personagens e estações de trem pois este local é um espaço de encontros e desencontros. Algo que fora tão censurado durante o período da divisão da cidade. Para compor a história de Berlim dos últimos 30 anos e conseguir reunir o máximo de pontos de vista, reuni 10 entrevistados, dos quais utilizei a conversa de 8 deles. A escolha de narrar por um veículo em formato impresso, envolve também a imaginação. Quem lê, imagina como era a cidade e como ela se desenvolveu para estar como é hoje. Para complementar, o recurso fotográfico conseguia ilustrar alguns dos lugares mais icônicos da cidade. Sobre as fotos, percebi que Berlim é uma capital cosmopolita que abarca o antigo, o novo, o histórico, a cultura e as inovações. Uma das principais responsáveis por essas expressões é a arte. Ela se inova, mas não se esquece do triste e do mórbido. A arte instiga a reflexão e emociona. Tanto é que o grafite é um tipo de arte fortíssimo na capital alemã. Um recurso não utilizado pela revista Época que achei que ficaria mais didático para minha reportagem foi o uso de boxes informativos. Como a periódica trata de assuntos factuais, que estão na mídia, eles não fazem o uso do recurso. Acredito que além disso, foi uma forma de quebrar o texto, já que as matérias feitas pela revista não contêm reportagens tão longas como a que fiz. Outro problema que me deparei foi em relação ao uso do itálico. Percebi que a revista não utiliza do recurso em todas as palavras estrangeiras, bem como não usam em títulos. Como escrevo sobre um tema em que várias palavras são de língua alemã, usei o itálico no decorrer do texto, porém não fiz o utilizei nos títulos, pois teria que usar em quase todos e a identidade gráfica da revista (em especial nos títulos) seria perdida. Achei importante também, trazer uma outra visão sobre a reunificação do país. Ouvi relatos de preconceito com povos do leste, pessoas que acreditam que a reunificação não deveria ter acontecido, além de grupos de neonazistas que ainda ameaçam a social democracia alemã. Seguindo o fenômeno mundial, a Alemanha também precisa lidar com a ascensão do ultraconservadorismo no governo e lutar contra a desigualdade social entre leste e oeste do país. O título de minha reportagem, "Berlim: uma resistência", foi um termo dito pela entrevistada Suely. Conclui que envolvia todas as ideias que pretendia colocar no texto. Berlim, uma personagem da narrativa, é uma cidade formada por diversos elementos e aspectos. Acena para o novo, mas sem esquecer do que passou. Suas cicatrizes seguem marcadas em cada local da capital. Para que o amargo da história seja lembrado para não se repetir.